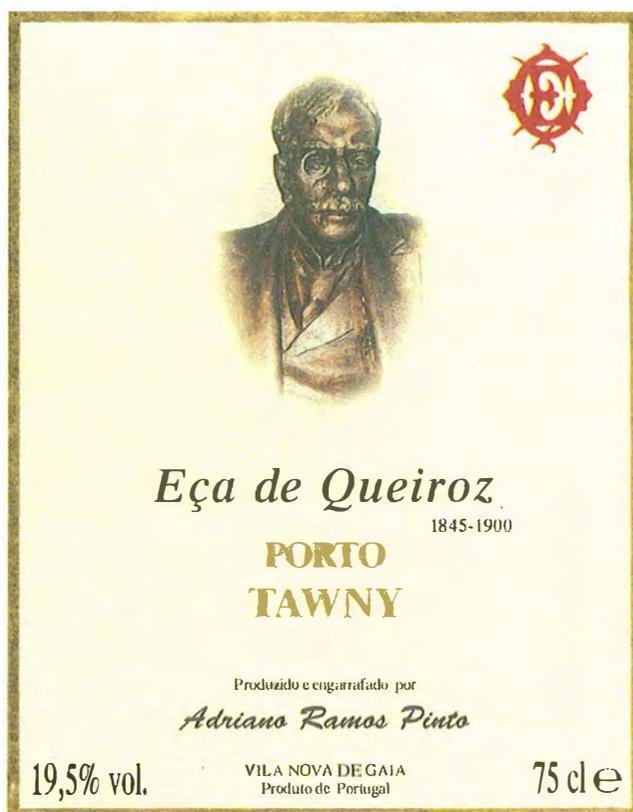


O vinho do Porto em Eça de Queirós

Dário Moreira de Castro Alves



Rótulo de garrafa de vinho do Porto de Adriano Ramos Pinto, comemorativo do centenário da morte de Eça de Queirós, gentilmente cedido pelo Arquivo Histórico da Adriano Ramos Pinto – Vinhos S. A.

O VINHO DO PORTO É, DE ENTRE OS VINHOS PORTUGUESES de toda categoria, o mais referido na obra de Eça de Queirós. Como tive a intenção de fazer, em «Era Porto e Entardecia – Dicionário de Bebidas Alcoólicas em geral na Obra de Eça de Queirós, de Absinto a Zurrapa» – um trabalho pretendidamente exaustivo, cataloguei 60 referências ao vinho do Porto sob este nome ou outros nomes assemelháveis. Assim, no Dicionário figuram citações debaixo dos seguintes verbetes: 1) Duque de 1815; 2) Mil oitocentos e quinze; 3) Mil oitocentos quarenta sete; 4) Porto; 5) Porto de 1815; 6) Porto de 1834; 7) Vinho do Porto; 8) Vinho do Porto de 1815; 9) Vinho Duque de 1815. Na categoria puramente de vinho de mesa é o Colares o vinho mais mencionado pelo grande escritor de Póvoa de Varzim, figurando ele em pelo menos 30 citações.

Vejamos à partida as referências ao vinho Duque de 1815. Trata-se de alusão ao «vintage» daquela data, em homenagem ao Duque de Wellington, vencedor de Napoleão em Waterloo. Ainda antes de ser titulado Duque, o Tenente-General Arthur Wellesley teve brilhante actuação militar nas Guerras Peninsulares em Portugal e Espanha, tendo enfrentado com êxito o Marechal Soult, no Porto, o General Massena, no Buçaco, além de ter sido protagonista em outros feitos militares. Mereceu do Príncipe Regente D. João, no Brasil, em 1811, o título de Visconde Vimeiro. Também teve em Portugal o título de Marquês de Torres Vedras.

Em *O Crime do Padre Amaro*, o cónego Dias abriu uma garrafa, «não do seu famoso 'duque de 1815'», mas do seu «1847», também um Porto de um grande ano. Mas, no mesmo romance, o abade da Cortegaça, no famoso jantar do meio dia, serviu aos amigos (padre Amaro, padre Brito, chamado o leão de Neméia, padre Natário, de alcunha o Furão, o cónego Dias e o Libaninho, suspeito de tendências a maricas) o finíssimo néctar do qual dizia, «*depois de o fazer*

reluzir à luz na transparência dos copos: Disto não se bebe todos os dias». Em Os Maias, João da Ega bebeu excitado um esplêndido Porto de 1815, em jantar no Ramalhete. O secretário Zagalo, na carta à Condessa de Abranhos, dizia que o Conde ia ao armário do seu escritório e por sua mão lhe servia um, às vezes dois cálices do vinho do Porto de 1815. No tão conhecido jantar em que o peixe encalhou no elevador, em A Cidade e as Serras, Dornan inquiriu de Zé Fernandes se o «Porto de 1834 servido em casa de Jacinto seria autêntico», ao que Zé Fernandes explicou que envelhecera «nas adegas clássicas do avô Gabão».

Nos verbetes «Porto» e «Vinho do Porto» está a maior quantidade de citações, algumas verdadeiramente antológicas. Em *O Crime do Padre Amaro*, o cónego Dias saboreava seu cálice de Porto num «contentamento baboso» e exclamava «Boa gota, boa gota!». E mais adiante, o padre Silvério e o padre Amaro bebem Porto nas mãos da boa Amparo, da botica, após o incidente em que os envolveu o escrevente João Eduardo. O sacerdote chupou a última gota do Porto...

Em *O Conde de Abranhos*, Alípio Abranhos nunca vira o padre Augusto «tomar mais de meio cálice de Porto, aos pequenos goles, que conservava um momento na boca, saboreando-lhe o aroma, e que engolia com um estalo plácido». Com o seu acento estrangeiro, o Ministro Steinbroken em *Os Maias* preferia um «copita de Porto» ao vinho St. Emilion, ou ao «ponche de conhaque» e limão.

Em *O Primo Basílio*, Juliana regalava-se com gulodices: debicava sopinhas, croquetes, pudinzinhos de batata e tinha no quarto gelatina e vinho do Porto. Em *Alves e Cª*, o vinho do Porto estava presente, no quarto de Ludovina, sobre uma mesinha ao lado do canapé de damasco amarelo, na cena de aparente traição de Godofredo Alves por Machado.

Em *A Relíquia*, após baixar à cova o corpo de D. Patrocínio, ao quebrar-se o lacre do tes-

tamento na sala dos damascos, Teodorico preparara para o tabelião Justino pastéis e vinho do Porto. Em *Os Maias*, na quinta de Santa Olávia, o mordomo Teixeira serviu o vinho do Porto quando o velho Afonso fez uma saúde ao Vilaça, «*Todos os copos se ergueram num rumor de amizade. Sobre a alva toalha adamscada os tons dourados do vinho do Porto brilhavam entre as compoteiras de cristal.*»

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, há uma cena em que o vinho do Porto esplende pela expressão de graça e ironia que com tanta frequência e força marcam e matizam a obra de Eça de Queirós. Numa determinada cena, se celebra a reconciliação política de Gonçalo Mendes Ramires com o Governador Civil André Cavaleiro, com o que se assegurava a eleição de Gonçalo. Por considerações superiores da política, o fidalgo «*consentira nesse sacrifício.*» Nas dificuldades em que se encontrava o país, todos deviam fazer sacrifícios... Gracinha dera decisiva contribuição... Barrolo, o cunhado, irmão de Gracinha, também tinha de reconciliar-se com o Cavaleiro, para que tudo desse certo na eleição de Gonçalo, pelo círculo de Vila Clara, para a Câmara. Um jantar em Oliveira marcaria o reencontro. É nesse contexto que, numa conversa amiga, Barrolo bateu uma palmada na coxa e disse: «*Que pena! Que pena não ter em Oliveira, para o brinde de reconciliação, um famoso vinho do Porto da garrafeira da mamã, preciosíssimo, velhíssimo, do tempo de D. João II...*»

– D. João II? – rosnou Gonçalo. – *Está estragado! Barrolo hesitou:*

– *D. João II ou D. João VI... Um desses Reis. Enfim, um vinho único, do século passado! Só restam à mamã oito ou dez garrafas... E hoje, era dia para uma, hem?»*

Barrolo cometia um «pequeno» lapso de mais de 300 anos na data da produção do vinho do Porto... de sua mãe



Duque de 1815

«Amélia saiu da igreja muito fatigada, muito pálida.

Ao jantar, em casa do cónego, a sra. D. Josefa censurou-a repetidamente de ‘não dar palavra’.

Não falava, mas debaixo da mesa o seu pezinho não cessava de roçar, pisar o do padre Amaro. Como escurecera cedo tinham acendido as velas; o cónego abriu uma garrafa, não do seu famoso **duque de 1815**, mas do ‘1847’, para acompanhar a travessa de aletria, que enchia o centro da mesa, com as iniciais do pároco desenhadas a canela; era, como explicava o cónego, ‘uma galantaria da mana ao convidado’.

O Crime do Padre Amaro

«O cónego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru, e tinha reputação o seu **vinho duque de 1815**.»

O Crime do Padre Amaro

1815

«Serviu [o abade da Cortegaça] o vinho do Porto, para os acalmar, enchendo os copos devagar, com mil precauções clássicas.

– **Mil oitocentos e quinze!** – dizia. – Disto não se bebe todos os dias.

Para o saborear, depois de o fazer reluzir à luz na transparência dos copos repolteava-se nas velhas cadeiras de couro; começaram as saúdes! A primeira foi o abade, que murmurava: – muita honra... muita honra... Tinha os olhos chorosos de satisfação.

– A Sua Santidade Pio IX! – gritou então o Libaninho brandindo o cálice. – Ao mártir!

Todos beberam comovidos. Libaninho entrou em voz de falsete o hino de Pio IX; o abade, prudente, fê-lo calar por causa do horrelão que no quintal aparava o buxo.»

O Crime do Padre Amaro

1847

[...]

Amaro fizera logo uma saúde com o 1847 ‘à digna dona da casa’. Ela resplandecia, medonha no seu vestido de bareje verde. O que sentia é que o jantar fosse tão mau... Que aquela Gertrudes estava-se a fazer uma desleixada— Ia-lhe deixando esturrar o pato com macarrão!

– Oh, minha senhora, estava delicioso! – protestou o pároco.

– São favores do senhor pároco. É porque eu lhe acudi a tempo... Mais uma colherzinha de aletria, senhor pároco.

– Nada mais, minha senhora, tenho a minha conta.

– Então para desgastar, vá mais esse copito de 47 – disse o cónego.

Ele mesmo bebeu pausadamente um bom gole, deu um *ah* de satisfação, e repoltreando-se:

– boa gota! Assim pode-se viver!

Estava já rubro, e parecia mais obeso, com o seu grosso jaquetão de flanela e o guardanapo atado ao pescoço.

– Boa gota! – repetiu – deste não provou você nas galhetas...»

O Crime do Padre Amaro

Porto

«– *Hereticus est!* É herege [exclamou o cónego Dias]!

– *Hereticus est!* também eu digo – rosnou o padre Amaro.

Mas a Gertrudes entrava com a travessa do arroz-doce.

– Não falemos nessas coisas, não falemos nessas coisas – disse logo prudentemente o abade [da Cortegaça]. – Vamos ao arrozinho. Gertrudes, dá cá a garrafinha do **Porto!**

Natário debruçado sobre a mesa, ainda arremessava argumentos a Amaro:

– Absolver é exercer a graça. A graça só é atributo de Deus: em nenhum autor encontra que a graça seja transmissível. Logo...

– Ponho duas objecções... – gritou Amaro com o dedo em riste, em atitude de polémica.

– Oh, filhos! Oh, filhos! – acudiu o bom abade aflito. – Deixem a sabatina, que até nem lhes cabe o arrozinho!»

O Crime do Padre Amaro

Aconselhou então [Carlos] os dois sacerdotes [Amaro e o padre Silvério] a que subissem para a sala, para evitar a ‘curiosidade da populaça’. E a boa Amparo apareceu logo com dois cálices do **Porto**, um para o senhor pároco, outro para o senhor padre Silvério que se deixara cair a um canto do canapé, apavorado ainda, extenuado de emoção.

– Tenho cinquenta e cinco anos, – disse depois de ter chupado a última gota de **Porto** – e é a primeira vez que me vejo num barulho!

O padre Amaro, mais sossegado agora, afectando bravura, chasqueou o padre Silvério:

– Você tomou o caso muito ao trágico, colega... E lá ser a primeira, vamos lá... Todos sabem que o colega esteve pegado com o Natário...

– Ah, sim – exclamou Silvério – mas isto era entre sacerdotes, amigo!

Mas a Amparo, ainda muito trémula, enchendo outro cálice ao senhor pároco, quis saber ‘os particulares, todos os particulares...’»

O Crime do Padre Amaro

«O *menu* do jantar, elegantemente impresso em cartão acetinado, continha o que a culinária francesa tem inventado de *plus raffiné*; dir-se-ia uma dessas festas do Segundo-Império em que o Café Inglês recebia, nos seus doirados salões, Imperadores e Reis que vinham curvar-se ante o poder de

Napoléão o Pequeno, segundo a imortal expressão do vidente d’Hauteville-House. Eis o *menu*:

VINS: Bucelas, Colares, St. Juliens, Champagne, **Porto**. CAFÉ – LIQUEURS.»

A Capital

«Uma voz fina, muito lisboeta, disse ao lado:

– O senhor viu por acaso tirarem-me o chapéu?

Voltou-se, como que estremunhado. Era um sujeitinho barrigudo, nédio, de repas grisalhas, que repetiu:

– O senhor viu tirarem-me o chapéu?

– Eu? Não! – disse Artur impaciente.

– Homem, esta! Tinha-me encostado ali...

Jantei em casa do Gonçalves, d o Gonçalves da Rua dos Retroseiros, há-de conhecer, o Gonçalves, o da Câmara... Jantei com ele, vim depois dar o meu passeio higiénico: sento-me ali um bocado... vem-me uma quebreira, talvez da pinguita de **Porto** – o Gonçalves tem bom **Porto**, tem bons vinhos. O sogro é negociante de vinhos... De repente sinto um friozinho na calva: tinham-me tirado o chapéu! O senhor não viu?

– Não vi – disse Artur, afastando-se furioso com aquele importuno.»

A Capital

«À noite, ao recolher [o padre Augusto] dispunha sobre a mesa um covilhete de marmelada, uma garrafa de **Porto** (de que D. Laura o tinha sempre bem provido) e com satisfação e método, tomava a sua ceia, tendo defronte o breviário aberto que ia lendo. Alípio nunca o viu tomar mais de meio cálice de **Porto**, aos pequenos goles, que conservava um momento na boca, saboreando-lhe o aroma, e que engolia com um estalo plácido.»

O Conde D’Abranhos



«Uma chama de singular cobiça avivou as pupilas amareladas do Sr. Lino, da câmara patriarcal. E de repente, com uma decisão de inspirado:

– Andrezinho, a pinguinha de **Porto**... hoje é bródio!

Quando o galego pousou a garrafa, com a sua data traçada à mão num velho rótulo de papel almaço, o Sr. Lino ofertou-lhe um cálice cheio.

– À sua!

– Com a ajuda do Senhor!... À sua!»

A Relíquia

«– Vilaça, vá-se arranjar, depressa, que daqui a pouco é o jantar.

O administrador, surpreendido, olhou também o relógio, depois a mesa já posta, os seis talheres, o cesto de flores, as garrafas e **porto**.

– Então V. Exa [Afonso] agora janta de manhã? Eu pensei que era almoço...»

Os Maias

«Quase imediatamente os escudeiros entravam com um serviço frio de croquetes e sanduíches, oferecendo *st. emillion* ou **porto**; e sobre a mesa, entre os renques de cálices, a poncheira fumegou num aroma doce e quente de conhaque e limão.

– Então, meu pobre Steinbroken – exclamou Afonso, vindo-lhe bater amavelmente no ombro – ainda dá desses belos cantos a esses bandidos, que o maltratam assim ao bilhar?

– Fui *essfôladito*, *si*, *essfôladito*. Agradecido, *nô*, prefiro um *copita* de **porto**.»

Os Maias

«Macário, estonteado, radioso, com as lágrimas nos olhos, queria abraçá-lo [ao tio Francisco].

– Bem, bem. Adeus!

Macário ia sair.

– Oh! burro, pois quer-se ir desta para sua casa?

E, indo a um pequeno armário, trouxe geleia, um covilhete de doce, uma garrafa antiga de **Porto** e biscoitos.

– coma!»

«Singularidades de uma rapariga loura»,
Contos

«Há quanto tempo eu lhe devo um ar da minha graça! Mas que quer? Arranjos de casa, revisões de provas, episódios de sentimento, preguiças da primavera – [...]. As mulheres de vida alegre são de uma explosão de deboche e de sensualidade que desvaira. Note ainda que todas, honestas ou impuras, gostam de beber – e que bebem: bebam cerveja, **Porto**, Xerez... [...]. Um grande abraço, do seu c., Queirós.»

Eça de Queirós, de Newcastle, Março de 1875, in *Correspondência* I, de G. de Castilho, Bibl. de Autores Portugueses, p. 101 e p. 105

Porto de 1815

«O próprio Ega, por fim, à sobremesa, se excitou consideravelmente com um esplêndido **Porto de 1815**. Depois houve um bacará em que Carlos, outra vez sombrio, deitando a cada instante os olhos ao relógio, teve uma sorte triunfante, uma 'sorte de cabrão', como a classificou Darque, indignado, ao trocar a sua última nota de vinte réis.»

Os Maias

Porto de 1834

«Depois de desdobrar o guardanapo, de o acomodar regaladamente sobre os joelhos, Dornan desenvencilhou da corrente do relógio uma enorme luneta para percorrer o

menu – que aprovou. E inclinando para mim [Zé Fernandes] a sua face de Apóstolo obeso:

– Este **Porto de 1834**, aqui em casa de Jacinto, deve ser autêntico... Hem?

Assegurei ao Maestro dos Ritmos que o 'Porto' envelhecera nas adegas clássicas do avô Galião. Ele afastou, numa preparação metódica, os longos, densos fios do bigode que lhe cobriam a boca grossa.»

A Cidade e as Serras

Vinho do Porto

«Ela [S. Joaneira] ria; viam-se os seus dois dentes de diante, grandes chumbados. Foi buscar uma garrafa de **vinho do Porto**; pôs no prato do cônego, com requintes devotos, uma maçã desfeita, polvilhada de açúcar; e batendo-lhe nas costas com a mão papuda e mole:

– Isto é um santo, senho pároco, isto é um santo! Ai, devo-lhe muitos favores!

– Deixe falar. deixe falar... – dizia o cônego. – Espalhava-se-lhe no rosto um contentamento baboso. – Boa gota! – acrescentou, saboreando o seu cálice de Porto. – Boa gota!»

O Crime do Padre Amaro

«Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar no Breviário; mas distraía-se, lembravam-lhe as figuras das velhas, os dentes podres de Artur, sobretudo o perfil de Amélia. Sentado à beira da cama, com o Breviário aberto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequeninas com os dedos um pouco trigueiros picados da agulha, o seu buçozinho gracioso...

Sentia a cabeça pesada do jantar do cônego e da monotonia do quino, com uma sede além disso das lulas e do **vinhito do Porto**.»

O Crime do Padre Amaro

«O padre subiu; – e depois de deixaras duas senhoras [Amélia e a S. Joaneira] no quarto da S. Joaneira (porque, cheias de terror, queriam dormir juntas), voltou ao quarto da morta, despertou a vela sobre a mesa, acomodou-se numa cadeira, e começou a ler o Breviário.

Mais tarde, quando toda a casa estava silenciosa, o pároco, sentindo o sono entorpecê-lo, veio à sala de jantar; reconfortou-se com um cálice de **vinho do Porto** que achara no aparador; e saboreava regaladamente o cigarro, quando ouviu na rua passos de botas fortes que iam, vinham, por baixo das janelas. Como a noite estava escura não pôde distinguir 'o passeante'. – Era João Eduardo que rondava a casa, furioso.»

O Crime do Padre Amaro

DESIGNAÇÃO DOS VINHOS	Preço por garrafa
1870 1756	202000
1760	158000
1790	108000
1800	108000
1804	102000
1805	68000
1810	108000
1812	68000
1812 Branco	68000
1813	78000
1815	82000
1816 Branco, 40 annos de garrafa	98000
1816 Tinto	62000
1820 Tinto, torna-viagem, 40 annos de garrafa	72000
1820 Malvasia	68000
1820 Branco	68000
1825	48500
1827 Torna-viagem	52000
1827 Bismarck	48500
1830 Malvasia	72000
1834	48000
1834 Extra-sécco	28500

Lista de preços de vinhos da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, em 1896.

«O Carlos, esse, apressou-se a conduzir o senhor pároco [Amaro, atingido no ombro por um murro de João Eduardo] para a botica; fez preparar, com estrépito, flor de laranja e éter; gritou pela esposa, para arranjar uma cama... Queria examinar o ombro de sua senhoria: haveria intumescência?

– Obrigado, não é nada – dizia o pároco muito branco. – Não é nada. Foi um raspão. Basta-me uma gota de água...

Mas a Amparo achava melhor um cálice de **vinho de Porto**; e correu acima a buscar-lho, tropeçando nos pequenos que se lhe dependuravam das saias, dando ais, explicando pela escada à criada que tinham querido matar o senhor pároco!»

O Crime do Padre Amaro

«Consolava-se [Juliana] então com regalos de gulodice. Durante todo o dia debicava sopinhas, croquetes, pudinzinhos de batata. Tinha no quarto gelatina e **vinho do Porto**. Em certos dias mesmo queria caldos de galinha à noite.»

O Primo Basílio

«Uma das suas alegrias [de Luísa] era ver entrar a Mariana com o seu jantarzinho disposto num guardanapo sobre o tabuleiro; tinha apetite, saboreava muito o cálice de **vinho do Porto**, que Julião recomendara; quando Jorge não estava, fazia longas conversações com Mariana, parlando baixo, consolada, e lambendo colherinhas de gelatina.»

O Primo Basílio

«Alves [ao guarda-livros] teve uma surpresa: – Então... Então hoje são nove? – Hoje são nove.

De resto, sabia perfeitamente que era o dia nove. Mas é que a ideia da reunião anual da *Transtagana* trazia-lhe bruscamente a lembrança do aniversário do seu casamento.

Durante os dois primeiros anos fora um dia de festa íntima, com um bonito jantar a que ia a família, uma pequena dança, à noite, ao som dum simples piano. Depois, o terceiro aniversário coincidira com os primeiros tempos do luto pela sua sogra, quando, na casa ainda triste, Lulu ainda chorava pelos cantos. E agora, este dia de festa deslizava, estava quase passado, e nem um nem outro tinham sequer pensado nisso. A Lulu não se lembrara, decerto. Quando ele saíra, de manhã, ela penteava-se, ao espelho, já a pé, e não lhe falara em nada. Era pena que aquele belo dia findasse assim, sem que se abrisse uma garrafa de **vinho do Porto**, sem terem ao menos um creme mais cuidado à sobremesa.»

Alves e C.ª

«E o que se viu – santo Deus! – deixou-o [ao Alves] petrificado, sem respiração, com todo o sangue na cabeça e uma dor tão aguda no coração que quase o deitou por terra: sobre o canapé de damasco amarelo, diante duma mesinha onde havia uma garrafa de **vinho do Porto**, Lulu, de *robe-de-chambre* branca, encostava-se, abandonada, sobre o ombro dum homem que lhe passava o braço pela cintura, contemplando-se o perfil com o olhar afogado em languidez. O homem era o Machado!!»

Alves e C.ª

«Tinha [Godofredo Alves] no cérebro como que uma ondulação de ideias em que passava toda a sorte de coisas – recordações do seu namoro com Ludovina, passeios que tinham dado com ela; depois, a maneira como ela estava recostada no braço do outro, com a garrafa de **vinho do Porto** na frente! E a cada momento voltavam-lhe fragmentos das cartas dela: ‘meu anjo, porque não hei-de eu ter um filho teu!?’»

Alves e C.ª

«Vagamente, [Godofredo] tomou de novo a vela, foi à sala de visitas. Aí ficara um ar de catástrofe: a pele de raposa enrolada para um lado; sobre a mesa, defronte do sofá, a garrafa de **vinho do Porto**, e, na borda, apagada, uma ponta de charuto.»

Alves e C.^a

«Mas uma sombra passara sobre a face comovida de Machado e um bafo morno de tristeza pesou sobre a sala.

E foi esta tristeza que subitamente o pôs à vontade. Era como se o Machado, com aquele luto pesado, aquela saudade da mãe, aquele túmulo ainda recente, não fosse o mesmo que ali bebera copos de **vinho do Porto**, com ela [Lulu] nos braços, sobre o sofá amarelo. Era um outro Machado, um rapaz grave, vergado por uma dor que era preciso consolar, envelhecido, e para sempre incompatível com aventuras de amor.»

Alves e C.^a

«Com tipóias, atrás, lá marchava D. patrocínio para a sua cova, para os bichos. Depois quebrava-se o lacre do testamento na sala dos damascos, onde eu [Teodorico] preparara, para o tabelião Justino, pastéis e **vinho do Porto**: carregado de luto, amparado ao mármore da mesa, eu afogava, num lençol amarfalhado, o escandaloso brilho da minha face: e de entre as folhas de papel selado sentia, rolando com um tinir de ouro, rolando com um sussurro de searas, rolando, rolando para mim os contos de G. Godinho!... Oh! êxtase!»

A Relíquia

«Ora o inglês é o nosso maior freguês: e não teremos pois de ora em diante quem nos consuma na sua quase totalidade o nosso **vinho do Porto**; os nossos minérios, as nossas frutas, o nosso sal, a nossa cortiça. Para não arruinar o Porto, Aveiro, Setúbal, o Alentejo,

etc., seremos forçados a procurar novos fregueses – o que, neste século de áspera, feroz, tumultuosa concorrência, se vai tornando a mais pavorosa das dificuldades humanas.»

O «Ultimatum», *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*

«Todos aqueles santos varões comiam, bebiam o seu [de Afonso da Maia] **vinho do Porto** na copa. As contas do administrador apareciam sobrecarregadas com as mesadas piedosas que dava a senhora: um Frei Patrício surripiara-lhe duzentas missas de cruzado por alma do Sr. D. José I...»

Os Maias

«Quando o Teixeira serviu o **vinho do Porto**, Afonso fez uma saúde ao Vilaça. Todos os copos se ergueram num rumor de amizade. Carlos quis gritar *hurra!* O avô, com um gesto repreensivo, imobilizou-o; e na grande pausa satisfeita que se fez, o pequeno disse com grande convicção:

– Ó avô, eu gosto do Vilaça. O Vilaça é nosso amigo.

– Muito, e há muitos anos, meu Senhor! – exclamou o velho procurador, tão comovido que mal podia erguer o cálice na mão.

O jantar findava. Fora, o sol deixara o terraço e a quinta verdejava na grande doçura do ar tranquilo, sob o azul-ferrete. Na chaminé [em Santa Olávia] só restava uma cinza branca: os lilazes das jarras exalavam um aroma vivo, a que se misturava o do creme queimado, tocado de um fio de limão: os criados, de coletes brancos, moviam o serviço de onde se escapava algum som argentino: e toda a alva toalha adamsada desaparecia sobre a confusão da sobremesa, onde os tons dourados do **vinho do Porto** brilhavam entre as compoteiras de cristal.»

Os Maias



«A que parte remota destes reinos não chegou já a fama do seu [de Carlos Eduardo] génio, do seu *dog-cart*, do sebáceo *accessit* que lhe enodoa o passado, e desse **vinho do Porto** contemporâneo dos heróis de 20, que eu, homem da revolução e homem de carraspana, eu, João da Ega, Joahanes ab Ega...

O grupo escuro em baixo desatou aos *vivas*. A filarmónica, outros estudantes, invadiram os Paços. Até tarde, sob as árvores do quintal, na sala atulhada de pilhas de pratos, os criados correram com salvas de doce, não cessou de estalar o champanhe. E Vilaça, limpando a testa, o pescoço, abafado de calor, ia dizendo a um, a outro, a si mesmo também:

– Grande coisa, ter um curso!»

Os Maias



Evolução do formato da garrafa do vinho do Porto nos séculos XVIII e XIX.

«Oh! Sr. D. Carlos Eduardo, faz favor de entrar!... Ora esta! tem a bondade de esperar um instantezinho, que eu [criado de suíças ruivas em casa de Maria Eduarda] abro já a sala... Tome lá, Sra Augusta, tome lá, olhe não entorne mais! A senhora diz que lá manda logo o **vinho do Porto**... Desculpe V. Exa, Sr. D. Carlos... Por aqui, meu senhor...»

Os Maias

«– Oh! esse ingrato [Gonçalo Ramires, a respeito do Padre Soeiro], agora, raramente aparece na Torre. Sempre em Oliveira, com a mana Graça, que é a menina dos seus encantos... Então nem um cálice de **vinho do Porto**, Pereira?... Bem, até sábado. Não esqueça o beijinho para o neto.»

A Ilustre Casa de Ramires

«– Sim, realmente, com este calor [dizia Gracinha]...

Mas Barrolo bateu uma palmada na coxa. Que pena! que pena não ter em Oliveira, 'para o brinde de reconciliação', um famoso **vinho do Porto**, da garrafeira da mamã, preciosíssimo, velhíssimo, do tempo de D. João II...

– D. João II? – rosnou Gonçalo. – Está estragado!

Barrolo hesitou:

– D. João II ou D. João VI... Um desses Reis. Enfim, um **vinho** único, do século passado! Só restam à mamã oito ou dez garrafas... E hoje, era dia para uma, hem?»

A Ilustre Casa de Ramires

«O Bento aparecera com uma larga travessa fumegante. O Fidalgo afagou, risonhamente, o ombro do Joaquim. e em baixo a Rosa que abrisse, para o almoço da família, duas garrafas de **vinho do Porto**, velho. Depois com a mão nas costas da cadeira, mur-

murou gravemente:

– Pensemos um momento em Deus, que me tirou hoje de um grande perigo!»

A Ilustre Casa de Ramires

«À mesa [jantar em casa de tia Vicência], onde os pudins, as travessas de doce de ovos, os antigos **vinhos** da Madeira e **do Porto**, nas suas pesadas garrafas de cristal lapidado, fundiam com felicidade os seus tons ricos e quentes, Jacinto ficou entre a tia Vicência e uma das Rojões, a Luisinha, sua afilhada, que, por costume velho, quando jantava em Guiães; sempre se colocava à sombra da sua boa madrinha.»

A Cidade e as Serras

«A Tia Vicência fez tilintar o seu copo, quase vazio, com o de Jacinto, que tocou no copo de sua vizinha, a Luisinha Rojão, toda resplandecente, e mais vermelha que uma peónia. Depois foi o encadeamento de saúdes, com os copos quase vazios, entre todos os convidados, sem esquecer o tio Adrião, e o Abade, ambos ausentes, ambos com furúnculos. E a tia Vicência espalhava aquele olhar que prepara o erguer, o arrastar de cadeiras, – quando D. Teotónio, erguendo o seu copo de **vinho do Porto**, com a outra mão apoiada à mesa, meio erguido, chamou Jacinto, e numa voz respeitosa, quase cava:

– Esta é toda particular, e entre nós... Brindo o ausente!

Esvaziou o copo, como em religião, pontificado. Jacinto bebeu assombrado, sem compreender.»

A Cidade e as Serras

«Na sala, a tia Vicência esperava-nos [a Zé Fernandes e a Jacinto] desconsolada, entre todas as luzes, que ardião ainda no silêncio e paz do serão debandado:

– Ora uma coisa assim! Nem quererem

ficar para tomar um copinho de geleia, um cálice de **vinho do Porto!**»

A Cidade e as Serras

«Um dos redactores das *Farpas*, achando-se em Paris, e almoçando em casa de Véfour com o seu amigo H. James Mortimer, o mesmo que em Londres está redigindo hoje uma folha bonapartista, teve ocasião de oferecer ao imperador, por intermédio deste amigo comum, uma garrafa do mesmo **vinho do Porto** que o jornalista americano e o jornalista português tinham bebido juntos. O vinho foi achado delicioso nas Tulherias: e, passados dias, aquele que devia ser depois o prisioneiro de Wilhelmshöhe, fez entregar por M. de Conti, *écuyer*, um bilhete de visita ao que é agora redactor das *Farpas*. Uma garrafa dada, um bilhete agradecendo. O redactor das *Farpas* julga-se quite com o segundo império.»

Uma Campanha Alegre

Vinho do Porto de 1815

«À Exma. Sra. Condessa D'Abranhos:

[...]

A ele [Conde D'Abranhos], Sra. Condessa, devo tudo. O pão do corpo e o pão da alma, me deu ele com generosidade larga e fidalga. Nunca o esquecerei. Por vezes, quando me via (sobretudo depois da bronquite de que padeci no Inverno de 1870) um pouco pálido ou debilitado, ele próprio ia ao armário do seu escritório e por sua mão me servia de um, às vezes dois, cálices de **vinho do Porto** de 1815. [...].

Sou de V. Exa, o mais humilde criado

Z.Z.

Ex-secretário do Exmo Sr. Conde D'Abranhos, sócio honorário do Grémio Recreativo do Rio Grande do Sul, 108, Rua do Carvalho, Lisboa, 1º de Janeiro de 1879.»

O Conde D'Abranhos